

## **6 — Dimensões da Figuração**

As contribuições que se seguem<sup>1</sup> apresentam situações mais ou menos concretas em que a representação surge, na pintura, de modo identificável com referentes (visuais mas não só), na linha de um entendimento da figuração em sentido comumente integrado no vocabulário artístico e apesar da ampliação semiológica do termo “figura” proposta por autores como Lyotard<sup>2</sup> após as polémicas dos debates forma-conteúdo e abstração-figuração, depostas no desmaiar do modernismo. É nossa hipótese que talvez seja principalmente sob a égide dos modos figurativos que grande parte da questão da representação, central na pintura ao longo de todos os tempos, se revele em clareza e profundidade, podendo aí associar-se a leitura do que é dado a ver primariamente com os diversos níveis de interpretação em que a iconografia deve somar-se à materialidade e forma específica de cada obra e à sua contextualização histórica e filosófica, no mínimo.

Brevemente, passemos aos casos. Em *Pintar a paisagem hoje* — e como o título anuncia — **João Luís Simões** discorre sobre possibilidade de validar a pintura de paisagem na atualidade, colocando em campo um conceito desta ligado à tradição contemplativa dos espaços naturais e de uma certa devoção por estes. Assumindo procurar uma pintura que interroge o “mundo visível e o mundo sensível”, o investigador propõe uma reflexão que inicia nos anos sessenta, com as caminhadas de Long e Fulton, para depois se debruçar sobre trabalhos recentes de Hockney que, um pouco ao contrário de outros mais antigos que fragmentavam a imagem através de dispositivo fotográfico, procuram agora, de novo, uma imersão *en plein air*. Para este investigador, surge como central a questão da incorporação do corpo e da sensibilidade na visão da paisagem através da pintura.

**Carlos Correia**, por sua vez, trabalha sobre o potencial político da pintura “de história”

e das imagens de guerra. Em *Pintura em Guarda, Marcha e Afundo*, recorre à associação de termos provenientes da esgrima, ancestral disciplina de combate, para estruturar uma reflexão que cruza a sua própria pesquisa pictórica com referências pertinentes para pensá-la e aprofundar questões. Destacando o poder da pintura no âmbito da necessidade de pensar sobre a realidade, debruça-se em particular sobre os casos de Richter, Dumas e Dalwood. Finalmente, **Ana Matilde Sousa** reforça a investigação em curso centrada num amplo conjunto de produções pictóricas, gráficas e filmicas do Japão contemporâneo, com o texto *Painting Superflat: post-painterly figuration, commodity-life and spectral return in Japanese contemporary painting*. Nele atravessa obras de Murakami, Nara, Mori e Aida para dar a compreender a designação que os envolve — Superflat, a qual alude não apenas a um modo formal de construção da imagem mas, acima de tudo, a uma relação com aspectos da cultura pop atual nem sempre tão “bidimensionais” como o termo parece sugerir. A ironia, tal como um certo kitsch, fazem parte intrínseca do jogo, entre a superfície e o fundo.

Isabel Sabino

- 1 Paineel moderado por Filipe Rocha da Silva e Susana Pires. Gravação-vídeo em: [https://educast.fccn.pt/vod/clips/b1fw22oqh/link\\_box](https://educast.fccn.pt/vod/clips/b1fw22oqh/link_box).
- 2 Lyotard, Jean-François — *Discours, Figure*. Paris: Éditions Klincksieck, 1974.